

**Medicamento** para o tratamento de alcoolismo é usado por jovens depois das baladas para apagar sinais de embriaguez. **Especialistas** desaconselham e o próprio fabricante afirma que a droga não funciona para esse fim. O estudante de 23 anos que preferiu o anonimato ficou sabendo da existência da droga por um médico. Um comprimido recém-chegado às farmácias brasileiras virou moda entre os que, desde o início da lei seca, em junho, procuravam uma maneira de continuar bebendo sem a ameaça de cair nas garras do bafômetro.



O Metadoxil, derivado da vitamina B6, foi criado para ajudar pessoas em tratamento contra o alcoolismo crônico ou agudo. Jovens de Brasília e de várias capitais brasileiras, no entanto, estão usando a droga para assumir o volante depois de “baladas” regadas a cerveja, vodca e uísque. A idéia, garantem especialistas, não é recomendável. A automedicação pode significar riscos à saúde e não há garantia alguma de que o remédio seja capaz de suspender a embriaguez a ponto de livrar o motorista do bafômetro. O medicamento possui tarja vermelha e, portanto, deveria ser vendido apenas sob prescrição médica. Só que a regra não é seguida à risca. A reportagem do Correio conseguiu comprar, sem receita, uma caixa do remédio na primeira farmácia em que entrou. Com o desconto, os 30 comprimidos saíram por R\$ 32,53. Um balconista na comercial das quadras 102/302 Sul, conhecida como Rua das Farmácias, chegou a fazer propaganda: “Dizem que em meia hora zera o efeito do álcool.” As pílulas também estão à venda na internet, em até três vezes sem juros. Em blogs, virou tema de discussão. “Se funcionar, vai deixar muito dono de farmácia rico”, previu um internauta. Um estudante de 23 anos, que preferiu não se identificar, conta que conheceu o remédio por indicação de um médico. “Ele me disse que era um antibafômetro, que cortava o efeito do álcool em 45 minutos”, relatou o jovem. Segundo ele, a primeira vez que tomou não percebeu mudança. Na segunda, o remédio teria impedido que ficasse embriagado. “Tomei antes de ir a uma festa. Mesmo depois de beber muito, não fiquei alterado”, citou. A euforia do jovem não condiz com a realidade, segundo especialistas ouvidos pelo Correio. “O **remédio** só acelera mecanismos metabólicos da degradação do álcool, mas não é mágico. Achar que vai ficar sóbrio é ridículo”, comentou o professor da Universidade de **Brasília** (UnB) e gerente de risco sanitário do Hospital Universitário de Brasília (HUB), Carlos César Schleicher. O medicamento, comercializado em países da Europa e Ásia, começou a ser vendido no Brasil em agosto e é pouco conhecido entre a classe médica. O laboratório Baldacci, responsável pela comercialização, estima que 3 mil caixas já foram vendidas no Brasil.

A **Agência** Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) credenciou o remédio em setembro de 2007. A droga, de acordo com a avaliação da Anvisa, oferece aos usuários mais benefícios que malefícios. Por isso, recebeu o aval para ser comercializada. O farmacêutico Rogério Hoefler, do Centro Brasileiro de Informação sobre Medicamentos, uma seção do Conselho Federal de Farmácia (CFF), é cauteloso ao falar do novo medicamento. “Ainda estou com um pé atrás. A própria bula não é clara”, comentou Hoefler, que pediu mais informações ao laboratório, cuja matriz fica em São Paulo. “Mas é claro que um médico em sã consciência não prescreveria o remédio para esse fim (beber e depois dirigir)”, completou.

### **Um grande risco**

Os médicos têm receitado o derivado da vitamina B6, substância já presente no organismo humano, para pacientes ainda dependentes do álcool ou para quem já parou de beber e está em fase de desintoxicação. Ao acelerar a eliminação do álcool, a droga ajuda a recuperar as funções do fígado. Recomenda-se de um a quatro comprimidos por dia, a depender do paciente. O tratamento dura de um a três meses. “O Metadoxil é para ser usado dentro desse contexto. Usá-lo para dirigir sossegado não é eficaz. Até porque o usuário nunca terá certeza de que eliminou todo o álcool do corpo”, ressaltou a psiquiatra e professora da Universidade de São Paulo (USP) Camila Magalhães, coordenadora do Centro de Informações sobre Saúde e Álcool (Cisa).

“Correr o risco de usá-lo sem prescrição é colocar a saúde em risco”, reforçou o psiquiatra Augusto César Marques, do Centro de Atenção Psicossocial (Caps) da Secretaria de Saúde do DF. “Não é aconselhável de maneira alguma usá-lo sem orientação”, emendou o toxicologista Otávio Brasil, diretor do Centro de Atendimento Toxicológico de Brasília, que já se manifestou contrário à lei seca.

O diretor do laboratório Baldacci, Ronaldo Abud, afirmou que a droga é destinada ao tratamento de alcoolismo. Mas não mostrou-se preocupado com o uso sem a orientação médica. “Não é de todo ruim. Ele está tentando ficar sóbrio. Melhor do que dirigir embriagado”, justificou. “Mas ele (o medicamento) não engana bafômetro nenhum”, completou.

### **Problema no Sul**

O Conselho Regional de Farmácia (CRF) do Rio Grande do Sul notificou ontem uma farmácia, em Porto Alegre, que fazia propaganda do Metadoxil. Um cartaz afixado no estabelecimento incentivava clientes a comprar o remédio para driblar o bafômetro. O CRF notificou a farmácia sob a alegação de propaganda enganosa e de falta ética do profissional farmacêutico. O caso será analisado pela Vigilância Sanitária da capital gaúcha. O remédio só acelera os mecanismos metabólicos da degradação do álcool, mas não é mágico. Achar que vai ficar sóbrio é ridículo

Carlos César Schleicher, gerente de risco sanitário do Hospital Universitário de Brasília (HUB)

### **Detran não estranha**

O uso de artifícios para tentar se livrar do bafômetro não surpreendeu o gerente de fiscalização do Departamento de Trânsito do Distrito Federal (Detran-DF), Silvaim Fonseca: “Tem de tudo, lamentavelmente. A gente já esperava atitudes como essa.” Ele garantiu que a fiscalização não dará moleza aos motoristas. “Estamos atentos a sinais como a fala enrolada e o equilíbrio. As pessoas fazem de tudo para burlar a fiscalização sem pensar nas consequências”, afirmou Fonseca.

A lei seca entrou em vigor em 20 de junho. Desde então, surgiram algumas tentativas de escapar da fiscalização, como mensagens de celular para avisar os colegas sobre os locais das blitzes e pedidos na Justiça por parte de gente que não queria ser obrigada a

soprar o bafômetro. O diretor-geral do Detran-DF, Jair Tedeschi, não acredita que o medicamento fará o condutor escapar do bafômetro e se mostra otimista com a lei. “A cultura está mudando. Só que cultura não se muda da noite para o dia.”

Autor: Diego Amorim

OBID Fonte: Correio Braziliense-DF